



O CAMINHO BORDADO: REFLEXÕES TEÓRICO- -METODOLÓGICAS DA PESQUISA DE CAMPO SOBRE AS NARRATIVAS ORAIS DO RIO DO ENGENHO, EM ILHÉUS (BA)¹

Gisane Souza Santana²

Maria de Lourdes Netto Simões³

Resumo – Este estudo tem como objetivo discutir os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa de campo sobre as narrativas orais do Rio do Engenho, em Ilhéus. Trata-se de um estudo desenvolvido interdisciplinarmente no espaço da Literatura Comparada, em que são estabelecidas convergências conceituais da teoria e crítica literárias, da nova história e dos estudos da cultura. Parte-se de uma pesquisa bibliográfica, relacionando questões sobre *performance*, memória e práticas simbólicas. Por meio da pesquisa de campo, foram feitas a recolha dos relatos e depoimentos por meio do método da *história oral*. O tratamento desses relatos e depoimentos foi fundamentado na concepção de *testemunho* enquanto forma primária de manifestação cultural. A pesquisa permitiu verificar que as narrativas orais podem ser entendidas como uma síntese de processos sociais e culturais, de um passado compartilhado pela comunidade; podem ser consideradas como representação das práticas cotidianas, das tradições e das vivências coletivas.

Palavras-chave: Pesquisa de campo. Narrativas. Oralidade. Memória. Práticas simbólicas.

*Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer,
o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa em fazer.*
(PORTELLI, 1996, p. 31)

1 - Este trabalho é um recorte da pesquisa Linguagens e Representações, desenvolvida durante o Mestrado em Letras, na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), sob a orientação da Profa. Dra. Maria de Lourdes Netto Simões, com o apoio da Capes. O trabalho de campo ocorreu durante o ano de 2013, de acordo com os procedimentos éticos – Parecer 472.483.

2 - Doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). *E-mail:* gisa_santana@yahoo.com.br

3 Pós-doutora em Literatura Comparada e Turismo Cultural e em Literatura Portuguesa Contemporânea pela Universidade Nova de Lisboa (Portugal). Doutora em Estudos Portugueses pela mesma instituição. Comendadora da Ordem do Ensino Público de Portugal. Professora titular. Pesquisadora Sênior da UESC. Atualmente é consultora para assuntos Literários e Culturais, inclusive os relacionados a fluxo turístico. *E-mail:* ticasimoes@uol.com

A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória.
(BOSI, 1994, p. 68)

O ALINHAVAR DAS IDEIAS

O distrito rural do Rio do Engenho, em Ilhéus, no sul da Bahia, se destaca pela sua riqueza cultural, especialmente em relação às tradições orais. Pertencente a esse município desde período colonial, quando a cidade foi sede da Capitania de São Jorge dos Ilhéus, no século XVI, o Rio do Engenho guarda boa parte da história local. Desse modo, no distrito, as histórias contadas pelos moradores fazem parte de uma herança cultural de tradições e de costumes que está guardada na memória de alguns de seus habitantes.

Embora essa herança seja transmitida oralmente de geração para geração, foi observado que, atualmente, as narrativas orais do Rio do Engenho estão em vias de se perder, tendo em vista que os mais velhos, principais portadores dessa forma especial de conhecimento, estão morrendo sem dar continuidade à transmissão oral de suas memórias às gerações seguintes.

Foi com intuito de escutar as vozes poéticas que partimos rumo ao distrito rural; dezoito quilômetros de estrada de chão. A partida é considerada realmente singular: ônibus lotado, encontros de comadres, risadarias e muitos, muitos *causos*. Esse meio de transporte é a principal via de acesso ao distrito, e, diariamente, pescadores e agricultores utilizam-no para viajarem a Ilhéus, com o objetivo de escoar as suas produções.

No caminho, precisamente no Couto e Santo Antônio, pode-se tomar conhecimento do cotidiano da comunidade – mulheres com feixe de lenhas na cabeça, trabalhadores rurais em suas buraras, agricultores com suas pequenas produções, barcaças com cacau, mulheres e homens raspando mandioca e fazendo farinha. Esses e outros elementos compõem a paisagem cotidiana e fazem parte de um cenário próprio da região.

A viagem continua rumo à próxima parada: o Rio do Engenho. Na chegada ao distrito, o patrimônio natural nos convida a embarcarmos para o encontro dos encantos e mistérios das narrativas orais. Sem olvidar a presença imaginária do Lobisomem, da lara, da Caipora e do Nego D'Água, seres que costumam aparecer sempre no Rio do Engenho, é importante nos lembrarmos da presença dos pescadores às margens do Rio Santana, das crianças, tomando banho no rio, das lavadeiras batendo as suas roupas n'água, da Igreja e do tacho de fazer melaço⁴.

4 - Patrimônio tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 20 de fevereiro de 1984, inscrito no Livro de Tombo Histórico, sob o número 492, e no Livro das Belas Artes, sob o número 556. A capela também é tombada pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac), de acordo com o Decreto 30.483 (Processo 005/81), de 10 de maio de 1984.

Após uma parada para fotografar o distrito, a viagem continuou em direção aos ramais, para a escuta e o registro das histórias de vida e *narrativas da vida*. Primeiro, as conversas de bastidores; depois, o ouvir das muitas histórias. No contato com os moradores locais, a escuta foi relevante para entendermos, a partir de suas *práticas cotidianas*, como a tessitura de narrativas se inscreveu nas suas memórias individuais e coletivas. Como nas conversas diárias, não nos importamos com o tempo de duração, o que proporcionou aos depoentes expressão com mais tranquilidade e espontaneidade.

Foram muitas as histórias! Histórias e histórias que se entrelaçam. Nos fios de uma, vêm outras, perfazendo uma rede construída com o tempo. E quantos detalhes! A conversa com eles engendrava a reconstituição de experiências da escuta de narrativas que ouviam dos seus avós, de seus tios e de seus pais; histórias ensinadas e transmitidas pela tradição oral. Dessa maneira, cada narrador imprimia nas narrativas suas vivências pessoais e coletivas.

A marca do narrador de histórias é registrada em cada narrativa oral. Cada um dos narradores oferece uma versão do que é contado, de acordo com seu conhecimento de vida e de sua memória. A multiplicidade de versões, (re)elaboradas ao longo da experiência das próprias narrativas, pode ser um atributo da capacidade criadora artesanal dos narradores – esses artesãos cuja "matéria é a vida humana" (BENJAMIN, 1987). Assim, os causos, depoimentos, rezas e cantigas, no exercício do contar, mantêm-se no presente de maneira sempre atualizada, ou seja, a cada *performance* são reelaborados, num processo que contribui para a sua manutenção como elemento socializador da comunidade.

A tradição oral é guardiã da história de muitos povos, sendo preservada, principalmente, por homens *simples/ordinários* – como se refere Certeau (1998) –, que foram e são responsáveis por manter a memória viva dos fatos e feitos de seus antepassados. São pescadores, agricultores, artesãos, cozinheiras, rezadeiras e curandeiras – *narradores anônimos* (BENJAMIN, 1987) –, que carregam consigo as suas experiências de vida e também as histórias (en) cantadas e contadas pelos seus ancestrais. Por isso, são chamados, de modo geral, de contadores/narradores de histórias. Dessa maneira, o narrador de histórias é o *depositário da memória* (ZUMTHOR, 1993), pois ele une as experiências da vida individual e coletiva; o passado e o presente, revelando a memória da região, representada pelo imaginário contido nos causos, depoimentos, rezas e cantigas.

Narrativas orais, mais do que depoimentos e relatos – nos quais nascem personagens míticos e também seres que vivem em lugares comuns –, *são histórias de vida e são também narrativas da vida* (TODOROV, 2006). São informes, constituídos de reminiscências, memórias e poesias cantadas e contadas pelas vozes poéticas, que, com a mesma agilidade com que tecem as redes, contam/tecem os *causos* que ouviram e presenciaram. São vozes que se relacionam a saberes e viveres.

Nesse sentido, a oralidade é uma forma de registro, preservação e transmissão de conhecimentos da memória tão complexa quanto a escrita, pois utiliza vários modos de expressão,

isto é, os *recursos performáticos* (ZUMTHOR, 1993) – tais como a musicalidade, a entonação, os gestos, as expressões faciais, o franzir do rosto, os murmúrios, os silêncios etc. Assim, o estudo das práticas particulares da vida cotidiana de uma comunidade, as memórias de seus moradores, o registro do *antigamente* fazem com que o passado se torne a medida do tempo presente. Dessa maneira, a memória das referências simbólicas “[...] procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LE GOFF, 1992, p. 423); além disso, avigora as tradições, repete códigos comportamentais, cria novos códigos e contribui para afirmação das identidades culturais.

Com base nessas considerações, o estudo tomou como elemento norteador as reflexões do linguista suíço Zumthor, que, conforme Jerusa Pires (tradutora e estudiosa do teórico no Brasil), ampliou a noção de texto literário e, por conseguinte, inaugurou um novo modo de pensar a literatura oral enquanto texto que se tece na trama das relações humanas. Jerusa Pires Ferreira (apud ZUMTHOR, 1993, p. 287), ao comentar o texto de Zumthor, observa a propósito da oralidade:

A oralidade se faz um princípio do texto poético, permitindo-lhe deslocar a dicotomia popular/erudito, evitando discriminações. O reconhecimento profundo da materialidade produtiva da voz, com seus atributos intercorrentes que abalroam o signo-nomadismo radical, interlocalidade, eroticidade, movência, dissipação da autoria – propõe de fato novos caminhos.

Nesse entendimento, o texto oral não se reduz a um contexto enunciativo unicamente verbal; perspectivas linguísticas, específicas do discurso oral, juntam-se à voz para lhe dar mais concretude, a fim de não reduzir a oralidade à ação exclusiva dela. Em *Literaturas da voz* (ZUMTHOR, 1993), a compreensão dos acontecimentos se faz pela *vocalidade* e pela *performance* do contador. Por isso, ele utiliza *recursos performáticos* capazes de fazer com que o ouvinte, além de entender o que está sendo contado, possa também ter interesse pelo relato em si. Além desses dois estudiosos, há outros pesquisadores do tema, por exemplo, Doralice Alcoforado e Frederico Fernandes, que fundamentaram também este estudo.

Por levar em consideração o preceito de que a “voz poética é memória” (ZUMTHOR, 1993), memória é abordada neste estudo como “[...] uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar” (POLLAK, 1989, p. 9). A memória está pautada nas experiências individuais e coletivas, sendo ressignificadas no presente, como fio que conduz às teias das relações que envolvem subjetividades dos diferentes grupos sociais. Tais experiências vividas no *invisível cotidiano* (CERTEAU, 1998) são incorporadas aos acontecimentos passados e traduzidos em narrativas.

O conteúdo das narrativas orais é formado por, em sua maioria, fragmentos do cotidiano, visíveis entre fatos lembrados e vividos pelos moradores e, como registros de experiências vivenciadas, são considerados bens simbólicos – patrimônio imaterial (IPHAN, 2000; LON-

DRES, 2004). As memórias coletivas se materializam por meio dessas *práticas simbólicas* (CERTEAU, 1998), que, ao serem exteriorizadas, agem como um meio de socialização nas atividades coletivas desenvolvidas pelos grupos sociais. Esse patrimônio imaterial é construído a partir da memória coletiva, portanto, inclui-se na categoria *lugar de memória* (NORA, 1993).

O conceito de cultura admite, por sua vez, muitas leituras. Em nosso estudo, reunimos o pensamento de diferentes autores para chegarmos à concepção de cultura como todas as maneiras de existência humana e as características particulares de cada grupo social, nação ou povo, assim como as suas formas de expressão (GEERTZ, 1989; CERTEAU, 1998; WILLIAMS, 1992; SANTOS, 2006). Entendemos ainda a cultura como um *recurso* (YÚDICE, 2004) para o fortalecimento do tecido social, pois aborda o patrimônio cultural como um campo de possibilidades de desenvolvimento (SIMÕES, 2004).

A pesquisa fundamenta o tratamento dos relatos e depoimentos na concepção de *testemunho* (MOREIRAS, 2001; LEMAIRE, 1994), como formas primárias de manifestação cultural, e na de Zumthor (2000), para o entendimento das questões inerentes à *performance*, centradas no jogo de expressão e percepção entre o contador e o(s) receptor(es) no ato imediato da comunicação.

Na esteira dos Estudos da Cultura e da Nova História, a pesquisa visou contribuir para a inclusão de *vozes* (THOMSON, 1997; PORTELLI, 1996) no *discurso disciplinar* (MOREIRAS, 2001), numa perspectiva de respeito às culturas locais e atenção às diferenças (BHABHA, 1998), para a valorização da narrativa oral na comunidade rural do Rio do Engenho, onde tais manifestações se registram com autenticidade.

Para irmos ao encontro das *vozes poéticas* e de suas narrativas na referida comunidade, foi necessária a adoção de procedimentos metodológicos para a identificação, coleta e registros das narrativas orais do Rio do Engenho. Com o objetivo de melhor entender o modo de viver e morar da comunidade, a via escolhida, por ser aquela que melhor nos conduziu às casas de farinha, aos ramais, ao Rio Santana e ao encontro dos *heróis anônimos*, segue os princípios da pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, feita por meio de entrevistas *conversacionais* (ANDRADE, 1999).

BORDANDO O CAMINHO

O primeiro passo da nossa caminhada foi a pesquisa bibliográfica. Tal pesquisa nos ajudou a definir o que Bosi (1994, p. 278) denomina de "orientação geral da pesquisa". Estabelecemos os referenciais teóricos que deram subsídio à temática estudada sem, no entanto, excluir a ideia de que outras pesquisas pudessem ter diferentes olhares e percursos metodológicos. A pesquisa foi desenvolvida interdisciplinarmente no espaço da Literatura Comparada em

sua feição contemporânea: convergências conceituais da teoria e crítica literárias, da Nova História e dos Estudos da Cultura.

Com base na visão teórica referida, partimos para a pesquisa de campo. O itinerário desenvolvido, a partir desse andamento, constou de uma sucessão de passos. No entanto, nem todos foram previamente definidos e planejados, pois, na verdade, muito se construiu à medida que a pesquisa ia se desenvolvendo – a dinâmica das entrevistas sinalizaria as demandas. Buscamos construir uma relação de confiança e cumplicidade entre nós e os *depositários da memória* (ZUMTHOR, 1993). Depois de calorosas conversas, experimentamos a escuta dos *heróis anônimos* (CERTEAU, 1998). As entrevistas foram feitas por meio do método da *história oral* (PORTELLI, 1996) nos momentos descontraídos, procurando-se interferir o mínimo possível na exposição das narrativas, a fim de que os narradores pudessem expressar livremente a história do lugar, as suas ideias, os seus costumes, a sua memória cultural, ou seja, as histórias de vida e as *narrativas da vida* (TODOROV, 2006).

Para Portelli (1996), a história oral é um termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio das entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos de uma mesma coletividade. Esse procedimento metodológico nos ajudou a acessar informações sobre o passado, principalmente junto à população iletrada, para os quais a oralidade é a forma de transmissão de conhecimento, como é o caso dos mestres dos saberes do Rio do Engenho. A escolha por esse procedimento justifica-se porque as narrativas orais sobrevivem especialmente como acervo da memória coletiva.

Enquanto eles compartilhavam as narrativas do cotidiano, nós registrávamos o *cheiro, as cores, os sons e os sabores* dos dizeres (GEERTZ, 1989) e dos símbolos compartilhados e partilhados publicamente. Aqui vamos abrir um parêntese para explicar por que, no texto ensaístico, empregamos palavras não dicionarizadas, como benção, partejar e outras. Sendo nosso estudo sobre narrativas orais, seria incoerente se procurássemos termos para substituir palavras que essas vozes *poéticas* costumam utilizar no seu cotidiano.

A pesquisa de campo – nosso segundo passo – foi realizada com 14 moradores do distrito rural do Rio do Engenho, com idade acima de 50 anos, do sexo masculino ou feminino, interessados em narrar suas experiências de vida e os causos vivenciados ou escutados dos mais velhos. A idade estabelecida como critério para a seleção dos entrevistados estava relacionada com o conteúdo das informações; dessa forma, foram selecionados atores sociais – pescadores, agricultores, artesãos, cozinheiras, rezadeiras e curandeiras – ligados a saberes e a fazeres da cultura popular. Nesse sentido, a oralidade foi o meio pelo qual a pesquisa observou as rezas, os causos, as cantigas, as lendas e as práticas cotidianas – experiências individuais e coletivas. Após visitas à comunidade, foi feita a recolha dos relatos e depoimentos, por meio de entrevistas *conversacionais* (ANDRADE, 1999), semiestruturadas, direcionadas para a coleta de narrativas orais.

A recolha dos relatos, por meio das entrevistas, recebeu auxílio de recursos midiáticos; sem uma pauta preestabelecida, ao sabor das lembranças dos narradores, a articulação da memória com as experiências vividas demonstrou que o ato de relembrar é sempre pessoal, mas é feito em redes de significações tecidas por sentimentos de pertença. No processo da captura de imagens, por meio da filmagem, foram valorizados os *aspectos performáticos* (ZUMTHOR, 1993) – gestos, mudanças tonais da voz, repetições, lapsos, silêncios. As imagens capturadas, com base no roteiro definido, além de subsidiarem a análise performática, foram decupadas e editadas para um documentário.

Procuramos registrar o discurso dos narradores, a fim de preservar o máximo possível as marcas da oralidade presentes no cotidiano, proporcionando ao leitor o contato com essa literatura que representa a memória cultural daquela comunidade. Mantivemos o colorido do palavreado pessoal de cada narrador, pois “[...] trata-se de um primeiro e decisivo esforço de traduzir a linguagem escrita daquilo que foi gravado” (ALBERTI, 2010, p. 174). Depois da conferência do texto transcrito, passamos para a copidescação, seguindo as orientações de Alberti (2010, p. 214):

O copidesque não modifica a entrevista: não interfere na ordem das palavras, mantém perguntas e respostas tais quais foram proferidas, não substitui palavras por sinônimos, enfim respeita a correspondência entre o que foi dito e o que está escrito.

Tendo em vista as normas-padrão da escrita, fizemos algumas adaptações na transcrição das narrativas para este trabalho. Entretanto, respeitando os diversos falares dos narradores, conservamos a linguagem simples e poética, com alguns desvios, como “tô”, “falano”, “escutarum”, “virum”, e outras marcas da oralidade. Com relação à transcrição dos recursos performáticos, com as mudanças tonais da voz, o uso de repetição, o silêncio repentino – elementos inerentes à oralidade, esses e outros elementos, pelas próprias peculiaridades dos discursos –, procuramos expressá-los por meio da pontuação.

Com o objeto de estudo bem delimitado para desenvolver o tema proposto na dissertação, pegamos a estrada... As curvas no caminho e as paradas obrigatórias nos levaram a estruturar o texto dissertativo em dois capítulos: “Narrativas orais – discutindo pressupostos” e “Narrativas orais do Rio do Engenho – *performance* e memória”.

Para a apresentação do primeiro capítulo, nosso exercício inicial se constituiu num esforço em reunir elementos que consideramos essenciais para compreendermos as narrativas orais e a sua relação entre memória e patrimônio. Esclarecemos, antes de tudo, que não temos a pretensão de abarcar todos os fenômenos intrínsecos a eles, mas, sobretudo, elencar os aportes teóricos necessários para viajarmos o percurso do Rio Santana e chegarmos à terra firme pelo distrito rural do Rio do Engenho – campo de coleta das histórias.

Para fazer esse percurso, três tarefas foram imperativas. A primeira foi a investigação em três das principais histórias da literatura do Brasil, por comparação entre as obras, identifi-

cando os espaços lacunares, os hiatos e as interpretações da historiografia tradicional. A segunda tarefa foi desenvolver uma reflexão teórico-crítica sobre as narrativas orais, tendo em vista a polissemia e a complexidade teórica que envolve as pesquisas demandadas pela Literatura Oral. A tarefa final do capítulo consistiu em discorrer sobre as narrativas orais e a sua relação entre memória e patrimônio.

No segundo capítulo, começamos a nossa viagem ao distrito rural do Rio do Engenho. A partir das relações estabelecidas entre a teoria, as narrativas orais e os elementos formadores da memória cultural da população, apresentamos os relatos orais, destacando as marcas ideológicas e os elementos identitários presentes, os quais mostram o patrimônio cultural daquela comunidade. Procuramos identificar e discutir acerca das representações culturais trazidas no conteúdo das narrativas. Para a análise, apontamos dois caminhos pelos quais as narrativas fazem suas travessias. O primeiro buscou discorrer sobre o narrador, a *performance* e a memória; analisamos nas narrativas coletadas e os recursos performáticos utilizados pelos entrevistados no momento em que contavam suas histórias; por fim, traçamos considerações sobre a importância da memória para o ato do narrar. O segundo analisou, no conteúdo das narrativas, informações sobre os saberes e os fazeres do Rio do Engenho, considerando os significados atribuídos às práticas simbólicas da comunidade local.

Chegamos ao limite desta breve caminhada. No entanto, mesmo tendo encontrado alguns resultados, compreendemos que o estudo das narrativas orais do Rio do Engenho é amplo e ainda pode ser muito explorado. Esperamos que este estudo possa, também, contribuir para a compreensão das identidades culturais da comunidade rural do Rio do Engenho, bem como para a rediscussão de bens simbólicos patrimoniais locais.

OS ARREMATES

Este estudo, realizado na comunidade do Rio do Engenho, possibilitou o contato com as diversas práticas e os modos de vida cultivados pelos *depositários da memória*. Em outras palavras, buscamos adentrar o dia a dia dessas pessoas para entender de que forma os moradores locais (re)produzem suas *práticas cotidianas*, transmitidas de geração para geração, tendo em vista a dinamicidade do processo sociocultural.

No período do desenvolvimento da pesquisa, constatamos que as narrativas orais do Rio do Engenho estão se perdendo devido, sobretudo, ao fato de os depositários estarem morrendo e quase não haver continuidade da transmissão oral dos conhecimentos às gerações seguintes. Tal constatação sinalizou o risco de as referidas narrativas serem descaracterizadas e, sobretudo, esquecidas. Desse modo, as entrevistas realizadas serviram como instrumento importante para a preservação da expressão literária e da memória dos contadores de história, principais depositários da tradição cultural do distrito rural.

Registrá-las nos possibilitou construir um espaço de análise das histórias orais e promover a visibilidade e a sustentabilidade da cultura local desse grupo social. No distrito, encontramos poucas vozes *anônimas* de pescadores, artesãos, cozinheiras e agricultores, mestres dos saberes – que se propuseram a tornar suas narrativas conhecidas. Dessa maneira, pudemos dar visibilidade a algumas vozes anônimas e contribuir para transformá-las em sujeitos a serem reconhecidos pela sociedade como parte integrante do patrimônio cultural de Ilhéus.

A pesquisa concluiu que a figura do *depositário da memória* assume uma importância salutar na comunidade do Rio do Engenho, isso porque é ele que se encarrega de transmitir aos membros de sua comunidade as suas tradições, não no sentido de preservar o genuíno, mas, especialmente, de atualizar os elementos dessa tradição. Os narradores providos com a habilidade de narrar adentram nas roças de cacau, nos rios, nos ramais e nas vilas em busca de detalhes minuciosos que a eles pertencem, produzindo, dessa maneira, suas narrativas. Os intercâmbios de experiências que acontecem no cotidiano desses narradores é a fonte das narrativas orais. Essa tradição oral traz em si uma dimensão de utilidade, ensinamento prático de técnicas de caça e plantio e de medicina popular. Os relatos dessas vozes *poéticas* acompanham os movimentos da vida, sendo construídos, ao mesmo tempo, coletiva e individualmente.

Foi observado que o artesão da voz tece a narrativa com uma desenvoltura que causa admiração e encantamento, pela forma vocalizada e pela propriedade do que é transmitido. É anseio desse artesão que as informações sistematizadas, a partir da memória, sejam compartilhadas com o coletivo, porque, nessa partilha, são registradas suas vivências, obtendo assim uma maior integração entre a geração mais jovem desse distrito, para que conheçam os fatos, os costumes, os hábitos e os valores de seus antepassados.

Em meio às *teias simbólicas*, os *depositários da memória* do Rio do Engenho, com suas narrativas, tornam-se fonte de reconhecimento do passado e da história do presente, já que existe uma coerência entre passado e presente que pode ser percebida nas práticas cotidianas. Assim, os relatos orais sobre o passado dão suporte a atos de resistência e territorialidade não unicamente em relação ao grupo estudado em referência, como também a outros grupos, que conseguiram preservar as raízes de sua cultura vivas até hoje.

A pesquisa revelou que as narrativas orais possibilitam, através da voz *discurso*, a junção de campos de grande relevância, tais como o conhecimento acerca do mundo e das coisas, as reminiscências, as conversas cotidianas, a rememoração, a evocação, a forma de vida cotidiana, os hábitos, os usos e os costumes. A *palavra vocalizada* e as *práticas cotidianas* possibilitam às pessoas a participação de um ritual de reconstrução de histórias, em ampliação do acervo literário local, no qual o homem integrado nesse processo possa se religar ao universo.

Apesar de seguirem o mesmo fio narrativo, cada narrativa foi (re)construída a partir das trajetórias e histórias de vida dos *heróis anônimos*; assim, esses heróis consideraram os ele-

mentos da vida comum em diferentes épocas e regiões. Nesse sentido, houve a necessidade de ouvir quem não foi ouvido; de reconhecer significados em memórias silenciadas; de reconhecer saberes e identificar o que eles têm a dizer, numa construção de possibilidades de reescrita da história em que são os sujeitos excluídos que se posicionam, buscando a fertilização de novas ideias que sejam apenas aquelas que representem valores, que se pretendem únicos e hegemônicos.

Assim como o Rio Santana segue o seu curso de forma leve e tranquila, sem deixar que as pedras do percurso atrapalhem seu trajeto, os narradores continuam sua lida diária entre os rios e as matas. As águas sombrias desse rio atravessam a multiplicidade das vozes narrativas que compõem os textos e fluem em sentidos variados. Apesar *das muitas pedras*, as vozes poéticas não param de entretecer sua arte, não se esquecem das histórias tecidas, nem deixam de repassá-las a quem queira ouvi-las e, assim, mantêm firme a teia que se fia desde os tempos dos antigos.

Mantidas na memória dos mestres dos saberes, as narrativas orais foram produzidas durante a sua *performance*. Essa conclusão se deveu à observação da narrativa performática: a cada relato, o braço levantava, as mãos se estendiam para apontar aqui e acolá; e as expressões faciais insurgiam de acordo com o que descreviam sobre os relatos de vida ou histórias da comunidade. Havia pausas, silêncios, esquecimentos, entonação, mudanças rítmicas e tonais da voz, olhares furtivos, suspiros, sorrisos e elementos peculiares da oralidade. Todas essas expressões deram vida à narrativa, além de conferirem autoridade às vozes poéticas. Além disso, a *performance* preencheu as lacunas deixadas pelo verbalizado.

Nessas narrativas, a memória constituiu-se um processo construído pelas diversas estratégias que formularam uma visão múltipla de discursos sobre o passado, o presente e o futuro. Observamos que por meio da memória intensificava-se o sentido de pertencimento de uma comunidade a um passado comum, demarcando, desse modo, fronteiras socioculturais. Assim, a memória funcionou como suporte de conhecimento e salvaguarda de fatos, acontecimentos e lembranças. Permitiu a esses grupos sociais situarem-se em um dado contexto, reelaborando as lembranças, num mecanismo incessante presidido pela *dialética da lembrança e do esquecimento*. Desse modo, concluímos que a narrativa oral relaciona fatos narrados com fatos vivenciados, não sendo possível imaginar narrativa sem a ideia de memória.

As narrativas dos pescadores, agricultores, artesãos, benzedeiros mostraram a existência do desejo de que certas práticas permaneçam em seu cotidiano, não apenas como hábito, mas, também, como *referências culturais*. Evidenciaram como indivíduos singulares se recriam socialmente e dão sentido ao mundo. A pesquisa permitiu verificar que as narrativas orais podem ser entendidas como uma síntese de processos sociais e culturais, de um passado compartilhado pela comunidade; podem ser consideradas como representação das práticas cotidianas, das tradições e das vivências coletivas. Além disso, essas narrativas são

expressões literárias consideradas *lugares de memória*, por suas referências simbólicas e culturais, e por revelarem momentos de convivências, integração social e sociabilidade.

As narrativas orais dessa comunidade trazem, em seu conteúdo, informações capazes de proporcionar o entendimento da sua cultura. Assim, podemos entender que a construção da identidade cultural das *vozes poéticas* se sustenta nas suas narrativas orais, sendo o seu estudo um dos caminhos para a compreensão da cultura popular. As narrativas orais do Rio do Engenho não podem ser descaracterizadas ou esquecidas, uma vez que elas revelam o *modus vivendi* dos moradores, mantendo formas de relacionamento entre os homens e o lugar em que eles habitam.

Ao abordar a cultura do Rio do Engenho, ficou patente, portanto, o potencial dessas narrativas orais. Rituais e outras práticas simbólicas, naturalmente, expressam hábitos, costumes, celebrações, saberes, fazeres e tradição desse povo. Tal constatação nos leva, por fim, a ousar afirmar que, se os *depositários da memória* forem mobilizados por políticas culturais, a memória será mais efetivamente preservada e o tecido social será fortalecido. *O gerenciamento da cultura como recurso*, nesse caso, assumirá o patrimônio cultural como um campo de possibilidades de desenvolvimento.

Em virtude da importância dessa temática, vale acrescentar a expectativa de estar contribuindo para a reflexão no cenário acadêmico sobre a narrativa oral na comunidade rural do Rio do Engenho, remanescente dos primeiros núcleos de ocupação da antiga capitania hereditária de São Jorge dos Ilhéus. Dessa forma, as reflexões propiciadas pelas vozes poéticas apontam para novos desdobramentos que poderão ser objeto de análise em trabalhos futuros.

Assim, todas essas considerações não se encerram, mas instigam novas andanças...

THE EMBROIDERED WAY: THEORETICAL-METHODOLOGICAL REFLECTIONS OF THE FIELD RESEARCH ON THE ORAL NARRATIVES OF RIO ENGENHO – ILHÉUS, BAHIA

Abstract – This study aims at discussing the theoretical and methodological aspects of the field research on oral narratives of the Rio do Engenho, in Ilhéus, in the state of Bahia. The article was developed as an interdisciplinary study on the field of Comparative Literature, in which literary conceptual convergence of theory and criticism are established, as well as the new history and culture studies are too. A literature research is the starting point of this article, as it links issues on performance, memory, and symbolic practices. Through field research, we have collected reports and statements through the method of oral history. The treatment of these reports and statements was based on the conception of testimony as primary form of cultural expression. Research has shown that oral narratives can be understood as a synthesis of social and cultural processes, a past shared by the community; they can be considered a representation of everyday practices, traditions, and collective experiences.

Keywords: Field research. Narrative. Orality. Memory. Symbolic practices.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- ANDRADE, M. A. A. de. *Cultura política, identidade e representações sociais*. Recife: FJN, Massangana, 1999.
- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC): Manual de Aplicação. Brasília, DF: MINC: IPHAN: DID, 2000.
- LE GOFF, J. *História e memória*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- LEMARIE, R. Repensando a história literária. In: HOLLANDA, H. B. de (Org.). *Tendências e impasses*. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LONDRES, C. Patrimônio e performance: uma relação interessante. In: GARCIA, M. V. C.; GUSMÃO, R.; TEIXEIRA, J. G. L. C. (Org.). *Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização*. Brasília, DP: ICS-UnB, 2004. p. 46-68.
- MOREIRAS, A. A aura do testemunho. In: MOREIRAS, A. *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*. Tradução Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 249-282.
- NORA, P. Entre memória e história – a problemática dos lugares. Projeto história. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. *Revista Tempo*, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.
- SANTOS, I. M. F. *Memória das vozes: cantoria, romanceiro e cordel*. Prefácio Armindo Bião. Tradução Márcia Pinheiro. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SIMÕES, M. de L. N. Literatura, cultura e turismo: consumo e cidadania. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, n. 37, 2004. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/037/37esimoes.htm>>. Acesso em: jun. 2016.

THOMSON, A. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História*, v. 15, p. 51-84, abr. 1997.

TODOROV, T. *As estruturas narrativas*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

WILLIAMS, R. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

YÚDICE, G. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Tradução Marie-Anne Henriette Jeanne Kremer. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

ZUMTHOR, P. *A letra e a voz: a literatura medieval*. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Amálio Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral*. Tradução Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, P. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: EDUC, 2000.

Recebido em agosto de 2016.
Aprovado em outubro de 2016.